

A Venus de Brassempouy

J. Roberto Whitaker Penteadado

Humanidade é paixão. Sem ela, nada teria sentido. - Honoré de Balzac

Brassempouy é, ainda hoje, um vilarejo esquecido, no departamento de Landes – sudoeste da França – que a maioria dos mapas nem registra. Creio que seu nome continuaria sendo conhecido apenas por uns poucos passantes, em busca de regiões mais famosas, não fosse pela descoberta, ali, no ano de 1892, de uma pequena estátua representando uma figura feminina.

Batisada de “Venus” – como era a praxe arqueológica da época, em relação às imagens femininas – é também conhecida como Dama de Brassempouy, ou ainda, a Dama do Capuz. Vista nas ilustrações dos livros de arqueologia - ou que tratam da história da humanidade - à primeira vista não deixa perceber que se trata de algo pequeno – muito pequeno, até. Suas dimensões são de 1,9 cm de largura, 2,2 cm de profundidade e 3,6 cm de altura. Pouco maior do que um dedal. Foi esculpida em marfim - de mamute, naturalmente.

Meu encontro com a Dama ocorreu faz alguns anos, no Musée de l’Homme, em Paris.* De pronto, fascinou-me a extrema delicadeza com que o artista pré-histórico havia registrado as feições de sua modelo; e, claro, as filigranas no cabelo, que – a despeito do capuz sugerido – os estudiosos não decidiram se se tratava de um ornamento, se tranças ou, simplesmente, um recurso gráfico para significar o ondeado capilar. Definitivamente, a efígie retrata uma mulher: jovem, bela e, provavelmente, vaidosa, pelos padrões atuais.

E nisso residem o mistério e o encantamento: a dama foi esculpida entre 21 e 25 mil anos atrás.

Quando li a informação, no museu, ao lado da réplica, tentei entender o que significam 25 mil anos. Não consegui e nem, até hoje, consigo. Numericamente, são 250 séculos. Mais de dez vezes a miúda cronologia da era cristã, de que nos ufanamos; cinco vezes mais tempo do que o que nos transportaria aos primeiros registros escritos da remota Mesopotâmia. Cinquenta vezes o tempo que decorreu, por aqui, desde que Cabral aportou.

E não falo de distância ou de diferença; mas de proximidade e de identidade. A pequena dama e o seu artista são como eu e você, leitor (ou leitora). As emoções que permearam este ato de humanidade - naquela parte do planeta que hoje se chama França, entre essas duas pessoas de quem não temos nenhuma outra informação – são totalmente nossas conhecidas e fazem parte de nós.**

Comprei uma outra réplica da Vênus, na lojinha do museu, que mantenho ao lado da minha cama, junto a um gato egípcio e um pequeno Don Quixote. São os meus totens. Na vida prática – como professor – tenho exibido, em aulas e palestras, fotos como a que ilustra esta página. Digo que a Venus nos dá, pelo menos, duas lições: de que (1) nos podemos comunicar no tempo e (2) nós, seres humanos, mudamos muito pouco, talvez nada, nos últimos 25 mil anos.

*Descobri, depois, que se tratava de uma réplica. O original encontra-se no Museu de Arqueologia de St.Germain-em-Laye.

**Há registro de pelo menos uma paixão despertada pela dama, em nossa era: o arqueólogo e escritor Paul Perrève escreveu, em 1984, A Dama do Capuz, Romance Histórico.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. A Venus de Brassempouy. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteadado**, Rio de Janeiro, mar. 2010. Disponível em <http://www.jrwp.com.br/artigos/index.asp>. Acesso em: 11 mar. 2010.